

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



PRODUTO

**NARRATIVAS DE NORMALISTAS SOBRE A MATEMÁTICA NO CURSO
NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL (1955-1968)**

Vinícius Kercher

Pelotas, 2019

Vinícius Kercher

PRODUTO

**NARRATIVAS DE NORMALISTAS SOBRE A MATEMÁTICA NO CURSO
NORMAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ASSIS BRASIL (1955-1968)**

Produto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Pelotas, 2019

APRESENTAÇÃO DO PRODUTO

Apresento aqui o produto referente à minha dissertação de mestrado intitulada “Narrativas de Normalistas sobre a Matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil (1955-1968)” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - (PPGECM) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Este produto é um critério parcial para obter o título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

O objetivo da dissertação foi produzir e analisar fontes históricas a partir de narrativas desenvolvidas em situações de entrevistas que versaram sobre a formação matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968. Para isso, fiz uso da metodologia da História Oral, por identificar-se com o objetivo geral proposto pela minha pesquisa.

A decisão de fazer uso dos aportes da História Oral foi devido a compreender que essa é uma metodologia que se difere do método, pois ela é qualitativa, sendo uma das minhas pretensões de pesquisa, relacionadas ao sentimento de ser normalista. Assim como as experiências de como era estudar no Curso Normal, optei por esta metodologia que proporciona aos entrevistados falar sobre suas lembranças, pois ao realizar as entrevistas é visível que não existe um modelo de resposta pronto, cada colaborador apresenta a sua subjetividade, fazendo com que esta metodologia mostre um caráter individual (GARNICA, 2005).

No caso da minha dissertação, entrevistei quatro ex-normalistas e minhas perguntas foram referente à Matemática presente na formação de professores primários, como práticas e métodos pedagógicos, pois, a partir das entrevistas meu interesse era retomar memórias do sentimento de como era o ensino no período em que foram normalistas.

Para realização de uma pesquisa utilizando a metodologia da História Oral é preciso que se tenha claro o número de entrevistadas, e o que seria considerado um número razoável de colaboradores para produção das narrativas. Essa reflexão depende do interesse de pesquisa, do objeto que está sendo tratado e da viabilidade da execução do projeto (ALBERTI, 2004).

Devido à delimitação do tempo para realização de uma pesquisa de mestrado e, ainda, a dificuldade de encontrar as colaboradoras, optei por realizar quatro

entrevistas. Entre as ex-normalistas identificadas, duas estudaram na Escola Normal Assis Brasil¹, no período de 1955 a 1961, outras duas estudaram no período em que a Instituição já passou a denominar-se Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1962 a 1968.

A primeira entrevistada foi localizada a partir de uma conversa informal com uma professora que atuava na biblioteca do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil no ano de 2017. Ao ficar sabendo sobre minha pesquisa, ela se interessou pelo assunto e me informou que tinha uma colega que foi normalista e também professora no Instituto de Educação Assis Brasil.

As demais entrevistadas foram localizadas a partir de um anúncio publicado no “Almanaque Gaúcho”, do jornal Zero Hora, a partir do qual a coordenadora do Projeto “Estudar para Ensinar Práticas e Saberes Matemáticos das Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1869-1970)”, no qual a minha dissertação está inserida, identificou o anúncio e de imediato informou para o professor, que foi orientador da minha pesquisa, e me encaminhou o anúncio da ocorrência da comemoração dos 60 anos de formatura das normalistas da antiga Escola Normal Assis Brasil, turma de 1957.

Após a identificação das entrevistadas, fui ao seu encontro para falar sobre a minha pesquisa, ou seja, “Narrativas de Normalistas sobre a Matemática no Curso Normal do Instituto de Educação Assis Brasil (1955-1968)”, como já mencionado anteriormente.

Realizado o primeiro contato, tive a aprovação das ex-normalistas para realizar a entrevista, entregando para elas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual se encontra o modelo no apêndice B da dissertação e os termos assinados estão em minha posse.

Para realizar as entrevistas planejei um roteiro de perguntas, o qual pode ser encontrado no apêndice A da referida dissertação, esse roteiro foi produzido para ter um planejamento, enquanto pesquisador, sobre o que perguntar, mas em nenhum momento fiz uso dele para leitura, pois correria o risco de inibir as entrevistadas, então memorizei as perguntas a serem feitas.

As entrevistas totalizaram 2 horas e 17 minutos de gravação, que renderam 47 páginas de transcrições, e as quais se constituíram o produto dessa dissertação.

¹ Atual Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, localizado no município de Pelotas.

Essas narrativas produzidas relacionam as práticas de professores primários na Escola Normal Assis Brasil e posteriormente Instituto de Educação Assis Brasil, no período de 1955 a 1968.

Para disponibilizar as entrevistas, que veremos a seguir, foi também disponibilizado o Termo de Uso das entrevistadas, documento que elas autorizaram-me a divulgar e publicar as narrativas para fins culturais e acadêmicos, além de autorizar-me a identificá-las pelo próprio nome. O modelo do Termo de Uso das entrevistas encontra-se no apêndice C da dissertação e as transcrições devidamente autorizadas, e rubricadas pelas colaboradoras, encontram-se em posse do pesquisador.

A seguir disponibilizo como produto da minha dissertação as narrativas, na íntegra, produzidas durante as entrevistas, para que outros pesquisadores possam fazer uso delas, para pesquisas na área da História da Educação Matemática, bem como em outras perspectivas que envolvam a Educação e/ou o Curso Normal.

Entrevista: Irany Neusa Carrico de Castro (I)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 44' 13''

Pelotas, 26 de janeiro de 2018.

Local: sua residência, Rua Dr. Ferreira Soares, 374 AP- 204

V - Bom dia, professora Irany.

I - Bom dia.

V - Meu nome é Vinícius Kercher, eu sou mestrando do Programa de Pós-Graduação do Ensino da Ciência e da Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e minha pesquisa é sobre memórias de ex-professoras e ex-alunas do Instituto de Educação Assis Brasil entre 1947 e 1971, me informaram que a senhora estudou e fez Curso Normal no Assis Brasil nesta época.

I - Sim, me formei tudo lá.

V - Qual foi o ano que a senhora se formou?

I - Eu me formei em 1957, eu tinha 18 anos.

V - 18 anos!

I - É.

V - E quais são as lembranças que a senhora tem da época do Curso Normal?

I - Ah! Eu sempre gostei de estudar, entendeu? E para mim era tudo maravilhoso, não é que eu fosse inteligente, eu era estudiosa, eu levava a sério o estudo. Muito, muito estudiosa.

V - E suas lembrança sobre os seus conteúdos, a senhora lembra?

I - Ah... lembro, tem matérias que eu gostava muito. Anatomia eu gostava muito, Biologia, que a gente dava naquela época. Tinha Matemática e tinha Português. Português sempre foi meio um pouco assim... não é que eu não ache bonito, mas eu tinha dificuldade na expressão, entendeu?

V - Sim.

I - Até na composição, eu fazia uma composição e depois faltavam as palavras pra continuar falando. Hoje não, eu faria uma composição, encheria uma folha, eu acho.

V - E Matemática, a senhora tinha mais preferência?

I - Nunca, nunca tive problema, nunca fui reprovada em Matemática desde que eu iniciei a estudar, eu sempre passava.

V - Como era a Matemática na época no Curso Normal? Vocês aprendiam Matemática como conteúdo de Ensino Médio ou aprendiam Didática da Matemática para trabalhar com as crianças?

I - Tinha uma matéria, o professor já faleceu, todos já faleceram daquela época, eu não me lembro como era o nome da matéria, era Matemática, mas a palavra não era Matemática, me faltou.

V - Era uma matéria para trabalhar com as crianças?

I - Eu nem sei sabe, hoje eu penso que muita coisa que a gente estudou, eu não sei se tinha a ver dar pras crianças, porque até a 4ª série tinha que ser muito leve, depois sim, que a coisa aperta. Eu acho assim, quem tirou o ginásio, quem tirou faculdade, que aí vai pro Ginásio, aí sim era bem forte a Matemática, mas pra quem ia dar aula até a 4ª série não era. Mas a criança que tinha dificuldade em Matemática, de um modo geral, tinha dificuldade em todas as matérias.

V - Isso quando a senhora já dava aula?

I - Eu achava isso.

V - Sim.

I - Os pobrezinhos poderiam até ser esforçados, mas tinham uma dificuldade pra gravar.

V - Se não sabia Matemática, tinha dificuldades nas outras?

I - Mas eu achava assim, se estava bem em Matemática de um modo geral, estava bem em todas.

V - E, quando a senhora estudou no Assis Brasil, a senhora aprendia Didática da Matemática para trabalhar no Curso Primário e aprendia também os conteúdos de Matemática, como se fosse o Ensino Médio hoje? Como era esta estrutura de Curso Normal?

I - Não, era um professor só de Matemática que a gente tinha, ótimo professor, mas não estou me lembrando do nome dele. Ah... está me faltando o nome dele.

V - E este professor trabalhou didática com vocês também?

I - Sim, trabalhou, mas não foi uma coisa assim... como vou te dizer, uma coisa forte e determinada pra Matemática, era uma passada, assim, era uma parte mais como lidar com a criança e comportamento. A matéria mesmo assim eu não me lembro.

V - Tipo Educação?

I - Didática e essas coisas todas.

V - Além disso, como era a estrutura do curso, tinha Português, Matemática, o que mais tinha de disciplina no Curso Normal?

I - Ah, tinha as que te falei, Anatomia, Biologia, Português, Matemática, Religião e Sociologia, que era um padre que nos dava, muito querido o padre. Pena que eu não tenho o meu boletim pra ver as matérias. Eu não tenho a mão.

V - A senhora tem algum material daquela época guardado?

I - Eu tive durante muito tempo, mas depois eu doei, passei pra quem estava estudando, fui passando, mas eu tive durante muito tempo uma caixa com todo meu material, 60 anos se passaram.

V - Sim.

V - E a senhora lembra qual era o tipo de material que vocês faziam para trabalhar Matemática com as crianças? O que se faziam nas aulas de Didática? Que materiais eram esses?

I - Coisas de pegar, assim?

V - Isso!

I - Não, não tinha.

V - Não tinha, trabalhava com material concreto?

I - Não tinha, era tudo no quadro negro, a gente passava, não tinha nada assim, eu não me lembro, mas não era como deve ser hoje, como tu está falando, que fazem material concreto, naquele tempo não era não.

V - Vocês tinham uma disciplina de estágio para trabalhar com as crianças antes de se formarem?

I - Não, não fiz estágio.

V - Não tinha estágio nesta época?

I - Íamos direto pra uma sala de aula.

V - Era direto para sala de aula?

I - Sim, direto. Eu me formei em 1957. No ano seguinte, eu fui morar na Cascata, não sei se tu conheces a Cascata?

V - Lá da EMBRAPA?

I - É.

V - Sim.

I - Ali a escola é municipal, escola Luiz Pena Fiel. Era uma escola na beira da estrada, mas era campo, a Embrapa ficava lá no meio e a estrada, assim, de chão batido, passava, era só mato e ali tinha a escola onde a Terezinha Allan foi trabalhar comigo. Trabalhavam na escola, deixa eu lembrar... eu, a Terezinha, que era diretora, e mais duas, além da moça que era vizinha, que ajudava na limpeza. Mas era assim... era a escola, mais adiante tinha um chalé, uma casa verde e à frente era só campo, tinha um arame. Eu lembro de muitos alunos que tinham ali. Quando eu dava aula, eles atravessavam a estrada e entravam de baixo dos arames "enfarpados", naqueles matos, eles se iam, eles moravam tudo assim, tu não via nada, era uma escola, assim, foi bom, mas, assim, a gente ficava muito isolada, foi um ano que morei lá.

V - E o que a senhora aprendeu no Assis Brasil a senhora aplicou enquanto professora na época?

I - Olha, com certeza devo ter, aplicado, mas depois pra lidar com as crianças tem muita diferença, né? E tu vai assim, uma coisa pra tornar mais acessível, tua cabeça vai idealizando coisas. A tabuada mesmo, não devia, mas nós fazíamos assim: dois vezes dois, nós colocávamos dois pauzinhos mais dois pra eles saberem que tinha que somar, assim acho que aprendiam mais fácil a Matemática, ensinando a fazer pauzinho. Era uma coisa da gente.

V - Essas coisas a senhora não aprendeu no Assis Brasil?

I - Não.

V - Era como a senhora falou, quadro, conteúdo e caderno. Não faziam os materiais?

I - Sim, era muita coisa da gente, na hora vinha, pra chamar a atenção pra fazer, tipo, chamar o aluno e tomar a tabuada, não, jamais! Na hora do trabalho dele, das contas de multiplicar, eu fazia assim.

V - E como a senhora avalia o ensino que a senhora recebeu no Curso Normal no Assis Brasil naquela época?

I - Naquela época já era assim, né? Mudou depois, talvez tenha mudado até para melhor, eu acredito, mas foi muitos anos depois, eu acho.

V - Mas como a senhora avalia, que definição a senhora daria naquela época como era o ensino?

I - Olha, como eu não sei o atual, mas valeu. Agora, quando entrávamos numa sala de aula formada, víamos que a coisa era assim, meio chocante, vinha, assim, dividido o que tu podias dar. Eu lembro que até a 3ª série a gente trabalhava a tabuada até o cinco, depois, sim, que entrava o nove, a partir da 4ª série.

V - E os conteúdos que a senhora estudou no Assis Brasil, eram os que a senhora passava na aula?

I - A gente tinha uma coordenadora dentro da escola, ela também tinha os programas que já vinha estabelecido do estado, e ela nos orientava que tinha que

trabalhar só aquilo dali, não podia ultrapassar, era aquilo dali que a gente tinha pra dar pra eles. Mas naquela época tinha livrinhos, mas não tinha muita coisa, não pra trabalhar, mas tinha e a gente gostava.

I - Eu te disse que não tenho facilidade de expressão.

V - Não, esta excelente, é este mesmo o objetivo da pesquisa.

V - A senhora poderia me falar mais sobre a Matemática no Assis Brasil?

I - Olha, no Normal eu não acho que foi uma coisa bem pra passar pra criança. Olha, eu acho que a Matemática que eu gostei mais foi a do ginásio, eu me interessei mais pela Matemática do ginásio.

V - E o que a senhora fez depois que se formou?

I - Eu não fiz faculdade.

V - Quem sabe teria feito Matemática.

I - Sabe, foi uma bobeira minha.

V - Não quis fazer.

I - Eu fiquei contente de lecionar e ganhar meu dinheiro, entedesse?

V - Sim.

I - Foi uma bobagem, porque a maioria da turma do meu grupo de estudo, todas fizeram faculdade, mas eu não. Depois, casei em seguida, casei muito cedo, tenho 57 anos de casada.

V - E quanto tempo faz que a senhora se formou?

I - 60 anos.

I - Eu me formei em 1957 e fiz três anos de estágio, dois anos no Capão do Leão, pelo estado, e no município, nesse que eu te disse, perto da Cascatinha, Luiz Pena Fiel. Logo eu peguei o Ondina Cunha, aqui na Gonçalves Chaves, que é ali perto da Delegacia de Ensino, quando eu casei a gente vinha pra cidade, então, aí eu peguei ali. Mas hoje ninguém mais faz estágio pra ir pra fora como eu ia, acabou.

V - Este estágio que a senhora está dizendo é o do concurso?

I - Sim, é.

V - Anteriormente, se eu não estou enganado, quando se fazia um concurso público, te mandavam para zona rural para fazer estágio.

I - Sim, e, às vezes, nesse concurso do estado, tinha gente que pegava cidade até no norte do Rio Grande do Sul.

V - No concurso do estado?

I - Do estado.

V – Então, no Curso Normal, não tinha na sua época o estágio, vocês não davam microaula?

I - Não, aquilo que apareceu de fazer estágio, não. Eu, lá no Ondina Cunha, aqui na cidade, quando eu casei, peguei muita estagiária, tiravam o Normal, dentro da cidade. Eu peguei no Ondina Cunha muita estagiária, iam lá fazer o estágio pra poder receber o diploma. Elas davam aula por seis meses e depois recebiam o diploma.

V - É o meu caso, eu fiz Magistério e estudei quatro anos, que é Curso Normal também, e depois mais seis meses de estágio. Quatro anos e meio.

I - É.

V - Então, vocês eram só teoria e depois sala de aula. Não tinham estágio?

I - Sim, era só a teoria e depois se vira. Na sala de aula ia da capacidade e da criatividade de cada um, de cada tipo de professor de lidar com a criança. Olha, mas de uma coisa eu tenho certeza, eu fui muito, muito, assim, mãezona pra meus alunos, eu sempre gostei muito de crianças, como eu gosto até hoje, então, pra eles, eram meus filhos. Eu adorava as crianças, paixão!

V - A senhora quer me falar mais um pouco sobre os materiais, os métodos que os professores usavam para dar aula no Assis Brasil com vocês?

I - Assim, pra dar Matemática?

V - Isso, isso.

I - Não tinha nada! Era no quadro, eu não me lembro de apresentarem nada assim pra gente, pra mostrar. Olha, só se eu estiver muito esquecida, mas não tinha nada. E eu mesma, quando dava aula de matemática, não apresentava pros meus alunos nada, nada também.

V - A senhora falou que pra fazer a multiplicação utilizava os pauzinhos, este método, por exemplo, foi a senhora que teve a ideia de explicar para eles assim?

I - Uma coisa minha, por exemplo, duas vezes oito, colocava oito pauzinhos. Depois, mais oito pauzinhos e dizia: agora vocês somam. Eu fazia assim porque acreditava que desta maneira eles faziam sem decorar. Três vezes três, três pauzinhos. Eles somavam e sabiam que era nove.

V - Sabiam que a multiplicação é a soma.

I - É, era uma coisa que foi minha, não sei se as outras faziam isto.

V - O que a senhora aprendeu no Assis Brasil a senhora colocou em prática da maneira que aprendeu lá?

I - No Assis Brasil, não tinha nada de diferente, não tinha mesmo, porque os professores daquela época eram mais idosos, entendesse?

V - Sim.

I - Eles nem tinham que nos apresentar coisas diferentes, nós tínhamos professores bem idosos.

V - E o de Matemática, a senhora não lembra?

I - Ele era um homem, esqueci do nome dele. Mas ele não era jovem pra ter novidade. O professor mais moço que eu tive foi de Anatomia, foi até diretor da Faculdade de Odontologia, Gastão Pureza Duarte, ele era de Canguçu. Aquele era... ele sentava na escrivaninha, brincava com a gente, era o mais jovem dos meus professores, ele já era casado e tinha dois filhos. Ele foi dentista e depois foi diretor da Faculdade de Odontologia, nós achávamos um amor, queridinho, o resto tudo era de gente madura. Tinha Psicologia também, e eu gostava muito de Biologia, era uma professora bem idosa, era durona, até, muito, muito boas as aulas de Biologia dela. É uma matéria que eu gostei muito também, tinha Educação Física

também, Desenho, Educação Artística, Música também, tinha todas as matérias, assim, que tu já vens carregando.

V - E todas essas matérias aprendiam através da teoria?

I - Tudo teoria.

V - A senhora se formou em 57?

I - Me formei bem na idade, tirei o Ginásio em 54, bem na idade, 18 anos, cinco do primário, eu fiz o jardim, são seis, quatro do Ginásio, são quatorze, não, dez! E três do Normal, são treze. Eu nunca repeti ano.

V - E material, a senhora não guardou caderno?

I - Eu tinha, mas eu tinha uma prima que estava um ano antes de mim, então eu passei tudo pra ela, se tinha uma amiga próxima a ela, ia passando. A gente fez um álbum no final do curso, não sei de que matéria era, devia ser de Educação Artística. Mas tinha um álbum, e esta minha prima desenha muito bem, foi ela que me ajudou a formar meu álbum. O álbum era a única coisa que a gente fazia pra ter no final do curso, esse álbum eu me lembro, é uma pena não ter ficado com ele.

V - E esse álbum tinha de todas as disciplinas?

I - Não lembro, não me recordo. Aquilo ali valia nota, era um caderno de desenho com espiral, e a gente fazia com todo o amor e carinho, pois a gente ganhava nota. Uma pena não ter guardado, mas todos esses anos... eu tinha uma mala pequena que guardava tudo.

V - Professora Irany, para finalizar, a senhora lembra de mais alguma coisa sobre Matemática no Instituto Assis Brasil que nós não abordamos na entrevista ou qualquer outro assunto que a senhora queira mencionar?

I - Pois é, eu já te disse que do Normal que eu tirei curso de professora não tenho recordação da Matemática, coisa pra passar pra criança... nenhuma. Fico triste de dizer isso, mas não tenho nada que me lembre na escola, tu tinhas que acompanhar o programa da 1ª série, o que tinha que fazer de Matemática, só podia dar o que estava escrito, já vinha de Porto Alegre e aquilo dali a gente comprava livros, junto

com a coordenadora pedagógica, a gente organizava o mês pra dar aula, mas a criatividade era do professor.

V - E os livros e os conteúdos vinham de Porto Alegre? E os conteúdos?

I - A gente comprava livrinhos pra nós, professores, tirar muita coisa, hoje nem sei se tem.

V - Tem aquelas coleções, acredito que tem.

I - Ah, a gente se reunia, sempre eram duas 4^a séries, e a gente se reunia pra planejar. Eu trabalhei muito com 1^a, 2^a série e 3^a, mas, no fim, quando eu estava próxima de me aposentar, eu trabalhava só com 4^a série, e não gostei, pois são adolescentes. Naquela época tinha até rapazinho, eles não respeitam a gente.

V - A senhora sabe que eu trabalhei com anos iniciais, 1^a série, no caso, 1^o ano agora.

I - Quanto menor melhor. A criança menor te chama às vezes de vó, de tia, de mãe, eles contam casos de casa na frente de tudo que é colega. Olha, o meu pai e minha mãe brigaram e ele deu um tapa na minha mãe. Não... não...

V - Eles têm a inocência.

I - Eles vêm e te contam tudo que os coleguinhas estão ouvindo, são puros, puros. Mas adolescente que eu peguei é a pior coisa que tem, não é fácil! E foi naquela época quando eu me aposentei, fim de 83.

V - 34 anos.

I - Mas eu não fui até os 30, me aposentei com 25, com 30 eu receberia o integral, com 25 não tive um triênio. De três em três anos tu recebias um triênio, aí eu teria dez triênios, aí, não, eu me aposentei com nove triênios, mas eu tinha a minha filha, meu marido tinha o emprego dele, aquela coisa toda, aí eu me aposentei. Hoje não tem mais, tem que ser os 30. E eu gostava dos meus alunos, tinha as mocinhas, os meninos eram piores, os adolescentes, mas como os pequenos... eu não nasci pra lecionar com grande, eu nasci pra trabalhar com pequeninhos. Quem trabalha com os pequeninhos não tem o valor merecido, a gente que não tem faculdade, então, não ganha bem. Eu não ganho R\$1500 com integral, com os descontos eu ganho

R\$ 1240, eu até hoje ganho isto, acho uma vergonha, né? Mas, se eu tivesse faculdade, eu ganharia mais um tanto, porque eu não tirei faculdade. Mas, se eu tirasse faculdade e não quisesse trabalhar com adolescente? Por que eu iria tirar se eu gostava de trabalhar com os pequenininhos?

V - Sim.

I - Só pra ganhar, mas, se eu tivesse que escolher, com certeza que eu seria uma ótima aluna porque no Normal fui uma ótima aluna.

V - E, se a senhora tivesse feito faculdade, provavelmente iria querer Matemática, eu notei que a senhora gosta de Matemática.

I - Se eu tivesse que escolher faria Matemática, com certeza! Eu sempre achei bonita a Matemática, eu tinha facilidade pra resolver. Eu nunca lembro, até posso ter sido reprovada, mas, no momento, eu não lembro de ter sido reprovada em Matemática.

V - As avaliações de Matemática eram por bimestre? Como eram as avaliações no curso?

I - Não, eram mensal. Eu lembro de uma professora muito boazinha, a dona Zulmira, lembro de duas professoras, uma era de História, eram senhoras. Todos os professores eram idosos, mas eu gostava muito da dona Zulmira dando Matemática no Ginásio, eu peguei ela de Matemática.

V - A senhora fez o Ginásio no Assis Brasil?

I - Sim. Naquele tempo era assim: Primário, Ginásio e Normal, e quem não ia pro Normal ia pro segundo grau, que era o Científico, preparava mesmo pra entrar na faculdade. O Normal era só pra dar aula, com o Normal tu não fazias Agronomia, Odontologia ou Medicina, com o Normal tu não fazias vestibular. Um grupo de colegas que tiraram Odontologia iam direto para o Científico, era mais puxado. Também tinha o Clássico, tinha o Científico e o Clássico, o Clássico geralmente era pra quem queria ser professor de Línguas. Muitas colegas minhas passaram na Católica pra tirar matérias como Pedagogia, eu acho, Pedagogia. Aquele professor que fica cuidando dos trabalhos dos professores. Eu tenho uma irmã formada em Pedagogia, eu não tiraria.

V - Eu não quis tirar formação de Pedagogia porque eu já tenho a formação do Curso Normal, então, fiz Matemática porque eu gostava de Matemática.

I - Eu não queria trabalhar cuidando os trabalhos dos professores. Sabe que, às vezes, ia um pessoal da delegacia, sem tu esperar, visitar. Elas não davam aula, só examinavam os conteúdos dos nossos trabalhos e davam palpites, e dentro de mim eu pensava assim: nunca deu aula e ainda vem dar palpite, aquele tipo de exercício não era para ter sido feito assim, era pra ter feito de outra maneira. Aí, dentro de mim, eu pensava: elas nem sabem lidar com crianças e vem depois aplicar o que elas aprenderam. Então, pedagogia eu jamais tiraria.

I - Olha, eu gostei de dar aula, tu não podes imaginar, mesmo ganhando pouco como a gente ganha, dinheiro pra mim não era importante. Mas a gente tem que fazer o que gosta e tudo que eu fiz foi com amor, muita dedicação, e amei os pequenininhos como se fossem meus filhos, e isto que eu acho importante, e eu sou muito feliz. Eu não tenho inveja de quem tirou faculdade, eu sei que se fosse hoje eu teria tirado, mas naquela época noiva, quase casando, eu casei início de 61, eu digo assim, foi tudo bom para mim. Não tenho arrependimento, e se eu tirasse faculdade, qualquer uma que eu tirasse, tinha certeza que eu seria uma ótima aluna, eu era muito estudiosa.

Agradecimentos Finais.

Entrevista: Terezinha Becker (T)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 44'31''

Pelotas, 17 de maio de 2018.

Local: sua residência, Rua Uruguai 1403, Bloco A AP- 105.

V - Bom dia, dona Terezinha.

T - Bom dia, querido.

V - Meu nome é Vinícius, sou aluno do Programa de Mestrado da Universidade Federal de Pelotas, minha pesquisa é sobre a formação de professores primários no Instituto de Educação Assis Brasil entre 1947 e 1971. Me informaram que a senhora se formou em 1957, procede?

T - Procede.

V - Então, a senhora fez Curso Normal?

T - Curso Normal no Assis Brasil.

V - Dona Terezinha, quais as lembranças que a senhora possui de quando a senhora estudou no Curso Normal, no Instituto de Educação Assis Brasil?

T - Muito especial da dona Maria, que era diretora da escola, uma pessoa firme nas decisões dela, muito firme. Eu gostava muito dela, achei o curso todo muito bom, foi muito bem, o Assis Brasil era um colégio muito conceituado e espero que continue sendo até hoje, não é? E acho que foi muito bom, eu aproveitei tudo que deu o Assis Brasil.

V - A senhora lembra como era a estrutura do curso, o que tinha, as disciplinas do curso?

T - Algumas disciplinas eu lembro ainda, existia Física, que nunca aprendemos nada. Isso é verdade! No Normal, muita pouca noção de Física. Existia a professora Ismênia, a baixinha da Biologia, esta foi boa, Dr. Gastão dava Anatomia, ótimo

professor. Agora não me lembro o de Português, mas todos eram bons professores, e nós éramos 60 alunas, e sempre participei do esporte no Assis Brasil. E a diretora, Dona Maria, era ótima, era maravilhosa. A dona Maria era diretora e, sabe, ela era uma diretora que não tinha vergonha de nada. Naquela época, nós tínhamos 17 anos, e acho que existia um curso de 2º grau, também, e ela entrava no banheiro dos meninos e tirava os meninos de lá de dentro.

V - Ah é?

T - É, uma diretora como a gente chamava antigamente, “faca na bota”.

V - Faca na bota!

T - Ela era, sim! Mas ela era uma pessoa muito compreensiva, eu me lembro muito bem dela.

V - E a senhora estava falando das disciplinas, da estrutura do curso...

T - As disciplinas eu me lembro. Física não aprendemos nada, isto é verdade, mas Biologia foi muito bom, tanto que no vestibular eu tirei dez na faculdade. Biologia era uma baixinha, Ismênia, acho que era Física, e a outra era bem baixinha, mas ela faleceu em seguida porque era bem velha, muito boa professora de Biologia. O Dr. Gastão era professor de Anatomia, nós tínhamos Anatomia, tinha Psicologia, não me lembro quem era Psicologia, tínhamos vários professores. Até me lembro de um professor de Psicologia que veio, acho que no 2º Normal, era de Rio Grande, e ele chegou e veio fazer prova, passou cinco perguntas no quadro. Era prova e a dona Maria entrou na sala de aula, olhou e disse: professor, quer se retirar da sala de aula? Aquela diretora era assim, era diretora mesmo. Ela dizia: porque isto não é pergunta que se faça para uma turma de estudantes, o senhor vai lá no gabinete e escolhe duas perguntas difíceis, duas fáceis, duas médias ou uma fácil, tem que dosar e isso aí não está dosado. E ele teve que sair da sala de aula, nós ficamos esperando e ele voltou com as perguntas, ele colocou cinco perguntas difíceis.

V - Ela era bem firme?

T - Firme e mandava, não tinha nem explicação para ela. Agora, as outras disciplinas eu fiz, muita Educação Física, sabe que lá na Coptel existe, como vou te dizer, umas piscinas térmicas, não lembro agora o sobrenome deles, a dona Alda,

eles têm ainda lá, era professora de Educação Física. Eu gostava muito de fazer Educação Física, sempre fiz Educação Física com ela. Eu era assim... (mostrou uma foto).

V - Continua bonita.

T - Assim que eu era no Normal, eu tinha muita fotografia.

V - E material do curso, a senhora tem ainda?

T - Não, não.

V - Cadernos?

T - Não guardei nada, o que eu tinha guardado era muito material de recreacionista, quando eu fiz os cursos, mas depois fui dando pras pessoas, tipo, tu não tens isto, então leva. Guardar é muito difícil, porque levei uma vida muito agitada, quatro filhas, trabalhando de manhã, de tarde e de noite, então, não guardei material nenhum, porque com a umidade do nosso Sul tudo se deteriora, fica tudo estragado, né?

V - Verdade.

T - Uma vez deixei um livrinho de receita dentro de uma panela, quando vi já estava mofado.

V - Imagina, aqui é muito úmido!

T - É, muito úmido!

V - E sobre Matemática, a senhora lembra como era a Matemática? Tinha Didática da Matemática? Como era a disciplina de Didática da Matemática?

T - Tinha Didática, eles davam aula de Matemática, eu não lembro quem era o professor de Matemática, não consigo me lembrar. Mas tinha tanto que a gente, a Didática era a pior, todos os anos, tanto é que o nome da palavra é Didática, Didática mesmo, e tinha que ser aplicada em outras disciplinas, tanto é que se tu não passavas em Didática, tu não passavas no curso.

V - A Didática era a base?

T - Era base a Didática, tudo era Didática como eu te disse. Em Física eu não aprendi nada, mas eu acho que não teve Didática de Física, é que não tinha aplicação pra nós, normalistas, a Física pras crianças. Eu aprendi pouquíssimo de Física, tanto que tive que estudar Física pra fazer vestibular, na minha lembrança não tinha Didática em Física.

V - Mas tinha Didática da Matemática?

T - Tinha Didática da Matemática, Didática de Português, tinha de tudo. A Didática era uma matéria, assim, que nós tínhamos, não sei quantas aulas deveríamos ter por semana, bastante aulas.

V - E a senhora lembra o que vocês faziam nas aulas de Didática e quais eram os conteúdos?

T - Alguma coisa, assim, por exemplo, eles traziam problemas em sala de aula pras alunas resolverem, e tu ensinavas: por que o aluno não aprendia a dividir na Matemática? Por que não aprendia a dividir? Por que não aprendia a tabuada? Eles não sabiam, como vou te dizer... manual, não. Tinha que fazer cinco cubinhos, tu tens cinco coisas, mais cinco, olha aqui, muda aqui, muda ali. Eles faziam esta parte de explicar, tanto que todo mundo, depois que nós saímos do Normal, pra lecionar em qualquer outro lugar tinha que ter Didática, se não tivesse Didática, o professor não era contratado.

V - Tinha que ter na grade curricular Didática?

T - Tinha que ter Didática. E eu acho que era muito bom a Didática, porque todo o Curso Normal era baseado na Didática.

V - E esses trabalhos manuais, vocês faziam nas aulas de Didática? Confeccionavam os materiais?

T - Confeccionávamos materiais, nós éramos uma turma muito grande, 60 alunas, e confeccionávamos.

V - Era uma única turma? Não era dividido?

T - Ah, não! Eram 1º, 2º e 3º ano, eram 60 alunas, tinha outras turmas com outros normais.

V - Mas só a sua turma eram 60?

T - Eram 60, mas eu encontrei 18.

V - No dia da confraternização?

T - Eu não sei se tem mais outras vivas por aí, tudo de 80 anos, ninguém menos de 80 anos. Ainda tem a Terezinha Alan, que mora aqui em Pelotas, e ela está muito bem da cabeça também, ela era da minha turma. Várias pessoas.

V - E professores?

T - Nenhum encontrei, não sei mais nenhum, depois que eu saí do Normal daqui levei outra vida diferente. Porque eu morei em Santa Vitória do Palmar, e dali eu parti pra Porto Alegre, não tive muito contato com Pelotas, desapareceram os contatos de Pelotas, porque em Santa Vitória a região é Rio Grande. Então, pra mim, que já trabalhava, era Rio Grande ou Porto Alegre.

V - Aí a senhora retornou para Pelotas?

T - Retornei quando eu tinha as minhas filhas, a mais velha já tinha terminado o 2º grau e as outras, o grupinho estava atrás, e eu não conseguia, eu vi que lá era ruim, que o ensino estava mais fraco, e eu não tinha pulso suficiente. Assim, pra manter elas estudando, porque, para mim, sempre me preocupo em saber. Não precisa ser nota alta, mas tem que saber.

V - Claro.

T - E um dia eu juntei tudo e vim embora para Pelotas, foi todo mundo para o Assis Brasil.

V - E suas filhas voltaram a estudar no Assis Brasil?

T - A minha filha menor voltou a estudar no Assis Brasil, a menor, a outra foi para o Pelotense, a outra para o São José e a outra já tinha terminado o 2º grau.

V - E a senhora começou a dar aula em Pelotas?

T - Comecei a dar aula, ainda fiquei aquele ano, porque eu tinha licença-prêmio, e no outro, ano comecei no Sylvia Mello.

V - E no Assis Brasil, a senhora nunca deu aula?

T - Convidaram, mas como eu tinha comprado um apartamento lá na Duque, de frente pra Faculdade de Medicina, eu preferi não vir para o Assis Brasil. E convidaram, o Assis Brasil pra eu vir, eu estava de licença-prêmio e eu disse: não vou atravessar a cidade. Eu trabalhava dois horários.

V - Mas o coração quase que aceitou, porque o Assis Brasil é a escola do coração.

T - Era! No Assis Brasil era um uniforme lindo quando eu jogava vôlei, vermelho, marinho e branco. Muito bom!

V - Dona Terezinha, como a senhora avalia o ensino daquela época? O que a senhora tem para falar sobre o ensino.

T - Excelente! Eu, na minha família, no meu grupo, assim, oh, eu fiz o Normal com 60 colegas, a cabeça não estava ainda bem formada, eu não tinha ainda bem, tinha 17 anos e ainda estava meio voando, não é? Sabe como é, né? Jovem saindo de uma cidade pequena, vindo para uma cidade maior, mas nunca deixei de cumprir minhas obrigações do colégio, porque meus pais iriam me matar se eu não fosse a aula. Um dia, a dona Maria, diretora do Assis Brasil, me disse: tu estudas e frequentas as aulas, porque eu sou capaz de ir em qualquer lugar pegar minhas alunas. Ela me disse bem isso: não se percam por aí. Ela sabia. Nós éramos cinco de Santa Vitória, de Arroio Grande, de Jaguarão, de tudo que é lado, muita gente, várias regiões.

V - Por que não tinha o Curso Normal nessas cidades?

T - Não tinha, era o antigo Ginásio até a 4ª série ginasial. Nós viemos para o Normal, aí se agrupou, tinha gente daqui, de todas as regiões. E eu ia lá conversar, porque eu era presidente do grêmio, eu sempre me metia nessas coisas, e ela me dizia isto: porque eu sei que meninas andam frequentando lugares que não devem, eu sou capaz de ir buscar. Era uma diretora que se preocupava com a gente, hoje eu vejo a preocupação que ela tinha conosco, de cuidar dessas meninas que vinham de outras cidades, deslumbradas com Pelotas.

V - E vocês moravam onde?

T - Em pensões, eu morava ali perto da Anchieta, perto da Catedral. Depois, fui pra Gonçalves Chaves, fui morando em várias pensões. Tudo em pensões a gente morava, eles tinham pensões para meninas, alugavam o quarto. Nós íamos a pé para o Assis Brasil, dali da Anchieta. Eu acho que o ensino era bom, a gente tinha sempre tudo novo, não é como hoje, tudo era novo pra gente, elas exigiam coisas da gente, eu acho muito bom o ensino.

V - E aquilo que vocês aprendiam, vocês tinham microaulas para colocar em prática dentro do Assis Brasil? Davam aula para as crianças? Como funcionava isto?

T - Houve pequenos estágios, só pequenos estágios. Não foi assim, dar seis meses de aula, nem três meses, eram pequenas aulas avaliadas pelo professor de Didática e uma comissão. Eu nem me lembro, acho que dei duas aulas, a gente se preparava para dar aula de frente a uma comissão julgadora.

V - Eu fiz meu Curso Normal em Bagé, e era um professor que olhava essas microaulas, não era uma comissão julgadora.

T - Nós éramos três e a gente tremia. Agora tu falaste nisso e eu me lembrei, a gente estava tremendo lá no Assis Brasil para fazer uma aula dessas. Não sabia quem era a comissão julgadora, mas nós não fazíamos assim com professor, todo o dia essas aulas, eles explicavam na aula ou para o grupo inteiro, o grande grupo, mas nunca pegavam individual para tu fazer.

V - Para preparar a aula?

T - Não, tu tinhas que procurar aprender, se tu não ias lá na comissão, tu não passavas. Ninguém queria rodar, não é?

V - Sim, claro.

T - E tinha esse conceito também, principalmente, o meu grupo que era tudo de fora, ninguém queria rodar, mas a gente não fazia estágio como se faz hoje.

V - E esses materiais que a senhora falou que faziam, esses materiais, utilizavam dessas aulas?

T - Eram sorteados os pontos.

V - Eram sorteados os conteúdos?

T - Eram, conforme o ponto que tu era sorteada. Eu sempre queria o três, porque gostava do número três, aí tu tinhas um tempo para preparar a aula, aí tu procuravas os professores, se tu quisesse. O problema era teu de fazer, apresentar a aula para aquela comissão julgadora e o professor daquela disciplina estava lá, mais dois para avaliar.

V - E o professor da classe?

T - Sim, estava lá também, lá junto. E eu lembro duas vezes no Assis Brasil, nós fomos no 4º ano primário dar aula, e foi uma comissão avaliadora. Eu não me lembro o que eu dei, mas agora, olhando assim, me lembrando, eu vejo os alunos todos sentados. Porque todo mundo usava uniforme naquela época, eu vejo eles sentados numa sala fora, do lado do Assis Brasil, e eu fui lá dar aula e depois outra vez, lá em cima. Duas aulas que eu lembro de ter dado.

V - E os conteúdos a senhora não lembra?

T - Não.

V - Os conteúdos matemáticos trabalhados no curso, a senhora lembra?

T - Tem muita coisa, agora eu não me lembro, assim, tem muita coisa que a gente esquece, mas agora tu falando eu me lembrei das aulas que eu dei, duas aulas. Como a gente ficava nervosa! Não me lembro, assim, mas as aulas não eram muito grandes. Eu me lembro, eu acho que foi uma 4ª série, sobre problemas, eu não me lembro muito, isto aí não consigo lembrar. Sei que não foi, assim, uma tarde inteira, foi um pedaço. Assim, quatro, cinco davam aula naquele dia, naquela turma.

V - Não era uma tarde inteira só a senhora?

T - Não, não é isto que eu quero te dizer. Os conteúdos eram pequeninhos, poucas coisas, se caíam continhas para mim, era só continhas para mim, outro eu não sei como eles arrumavam. Eu não imagino como os professores faziam, deveriam se reunir e resolver o que eles iam pedir, né? Aí sorteavam para minha turma.

V - E no Curso Normal, a senhora tinha a Matemática e a Didática da Matemática?

T - Tinha a mesma coisa.

V - Era junto Matemática e Didática?

T - Não, Didática era Didática e Matemática era Matemática.

V - E a senhora lembra como eles ensinavam o conteúdo, tanto de Matemática quanto de Didática?

T - Não sei.

V - Os materiais e os métodos que eles utilizavam...

T - Não consigo lembrar o que eles usavam, só me lembro do professor de Didática. Eu tenho a impressão que o professor de Didática, naquela época de Normal, era tipo coordenador de todo o curso, porque ele interferia em todas as matérias.

V - E era um professor de Didática de Português, Didática da Matemática?

T - Não, não. Por isso que estou te dizendo. Eu não me lembro se ele era todas as disciplinas, mas o de Didática era de muitas disciplinas, não era só de uma não. Por isso que estou dizendo, não me lembro, mas acho que o professor de Didática era como um coordenador.

V - Sim.

T - Ele agrupava, não sei se por área, quem sabe não seria por área, Matemática, Física, Química e Biologia. Tínhamos Biologia também naquela época, tínhamos Anatomia. Acho, eu acho, não tenho certeza, o professor de Didática agrupava por disciplinas, por área. Eu acho, porque ele dava exatamente, professor de Português dava verbos, eu nunca gostei de Português. Era por área Didática, eu tenho a impressão que era por área que coordenava.

V - E a senhora sempre gostou mais de Matemática e Educação Física?

T - Olha, eu gostei sempre de Educação Física e Matemática, muito, até me arrependi. Não, não é me arrepender, porque eu poderia ter feito Matemática, era uma disciplina que depois de aposentada poderia continuar trabalhando. Apesar que, até hoje, eu larguei ano passado a prática de esporte.

V - A senhora me falou que tinha hoje de tarde atividade no SESC.

T - Não, no SESC, nas quintas, é reunião, mas eu adoro um esporte.

V - A senhora deu aula para aluno primário aqui em Pelotas?

T - Aqui eu dei quando fui para o Sylvia Mello, eu já tinha feito faculdade, vim para terminar minha carreira aqui.

V - A senhora trabalhou em Santa Vitória do Palmar?

T - Trabalhei, trabalhei em Porto Alegre e trabalhei mais em Santa Vitória, com 2º grau, e fui diretora. Fiz de tudo, mas muito mais com Educação Física, organizando jogos. Quando eu fazia faculdade em Porto Alegre, eu organizava jogos municipais em Santa Vitória, e agitávamos a cidade, sempre fui de congregar muita gente em volta de mim. Eu me vejo assim, mas gosto e adoro Matemática, mas também vejo que sempre congreguei, eu me dou com todo mundo neste condomínio.

V - Sim.

T - Se não é para ser professor numa disciplina que tu tens que conversar, manter os alunos em baixo da tua mão, não pode ser professor de Educação Física.

V - E a senhora chegou a trabalhar com crianças?

T - Sim, depois de formada. Ainda não existia aquele colégio militar, que agora tem, eles fizeram ali um grupo especial no Sylvia Mello, um grupo especial de 1ª à 4ª série. Eu quis fazer Mestrado nesta época, na Educação Física daqui, e me chamaram para lecionar, de 1ª à 4ª série, mas minha paixão é esporte, acabei dando handebol para todo mundo no Fragata de cima a baixo, a gurizada tudo adulta. Sábado eu ia para lá e ficava até meio dia, uma hora dando aula, ali eu trabalhei com os pequenos. É muito bom trabalhar com os pequeninhos.

V - E o que a senhora aprendeu no Assis Brasil chegou a colocar em prática com os pequenos?

T - O que aprendi no Assis Brasil, claro que coloquei! Eu fui para uma turma, quando eu voltei pra lá com contrato. Eu fui para uma turma de repetente, de quatro e cinco anos, alunos repetentes que não passavam em disciplina nenhuma, eu consegui recuperar seis daqueles que eram abandonados. Então, eu me sinto feliz da vida, porque tudo de prática que eu tinha era do Assis Brasil, porque eu me lembro, assim, falando contigo. Naquela época, o horário era das oito às onze, das onze às duas e das duas às cinco. Nos colégios tinham três horários, não tinha lugar, e em 58 eu comecei a trabalhar lá, me deram a pior turma, quando tu chegas

numa escola, o professor novo sempre botam a pior turma pra ti. E isto é certo, não tem como escapar disto e me deram aquela turma das onze as duas.

V - A senhora se formou em 1957 e em 1958 já estava dando aula?

T - Sim, em 58 estava dando aula. Eu fiz vestibular em 58, em Porto Alegre, eu estava lá e me chamaram, eu me vim pra trabalhar no Manoel Vicente do Amaral.

V - E a senhora lembra como eram suas aulas, como a senhora fazia pra ensinar Matemática?

T - Olha, eu sempre tive muita facilidade. Eu não sei por que, quando eu aprendi Matemática, quando eu estudei Matemática na casa de uma tia, lá fora, no campo, a minha tia me colocou de castigo porque eu não aprendia a tabuada, no grão de milho, de joelho. No grão de milho eu aprendi a tabuada que até hoje eu sei de cor e salteado, multiplicar e somar, eu sempre soube a tabuada. Eu exigia, fazia bastante exercícios pra que eles aprendessem a tabuada, que é essencial. Hoje, tu pergunta para um menino quanto é cinco mais oito e eles não sabem te responder. E eu fazia naquela época a tabuada: fulano, vamos lá, repete, repete, repete. Repetição que faz gravar. O repetitivo, sempre tive noção que repetir é que faz gravar as coisas, dois mais dois são quatro. Quanto é dois mais dois? É quatro. Quanto é dois mais dois? É quatro. Até que aquilo grava, porque tem coisas essenciais na vida que tu tens que gravar, porque nunca vai sair que dois mais dois são quatro. Tu podes fazer um mais três, são quatro, mas dois mais dois sempre será quatro, exato. Então, acho que o repetitivo tem que fazer, tem que fazer exercícios. As minhas filhas, a primeira eu fiquei brava, quis ensinar a tabuada, fiquei furiosa com ela, na quarta eu resolvi não ensinar Matemática, resolvi não ensinar, não queria. Ela tinha o professor dela e eu sempre respeitei os professores. Quando chegou na 4ª série primária ela me disse um dia: mãe, eu não sei a tabuada. Ué, vamos aprender, se tu não sabes. Porque ela tem diferença de quatro anos menor que as outras, na rua nós íamos repetindo, na rua, quando caminhávamos da minha casa ao colégio, íamos fazendo Matemática, estudando tabuada, dois mais dois, três vezes três, quatro vezes quatro. Então, vamos aprender o básico.

V - Eu tenho a lembrança, quando eu fiz o primário, nós indo para a supervisora tomar a tabuada.

T - Eu sempre tomei na sala de aula, porque minhas aulas era eu que dava conta. Essa lembrança que eu tive daqui e outra lembrança que eu tive muito grande, que eu trabalhei em Porto Alegre, no jardim, porque meu marido morou lá e eu fui trabalhar lá. Naquela época, eu não tinha ainda faculdade, eu trabalhei em Caxias do Sul com 1ª série, e eu e outra menina nos demos muito bem, acho que é Miguel Méia o nome do colégio, e como Caxias é um centro italiano, e nós não éramos italianas, ela vinha de Vacaria e eu de Santa Vitória, nós éramos meio excluídas do grupo de professoras.

V - Bah!

T - Sim, lá tudo era velho, era um colégio grande no centro de Caxias e nós éramos mantidas mais longe, e nos deram duas primeiras séries, para mim e para ela, novinhos, e a gente conversava muito, conversava, conversava. Eu sempre fui muito de diálogo com os colegas meus, e eu fazia este diálogo tipo: o Paulinho, não consigo fazer ele aprender Português, não consigo fazer ele fazer isto. Fomos indo, fomos indo e começamos a fazer uma didática, criamos praticamente uma didática para fazer redação na 1ª série, entendeu?

V - Sim.

T - Nós fazíamos assim, a casa (desenho) é bonita, os adjetivos, o ovo é amarelo, então, entre o desenho, juntando, nós fazíamos escrever frases. Quando chegou no fim do ano, quase todos sabiam redaçãozinha pequeninha, claro, mas todos sabiam escrever aquilo ali. E, em setembro, explodiu a alfabetização, e aí nós juntamos a diretora, mudou a diretora nesta época, e nós convencemos a diretora a pegar meus alunos que não conseguiram vencer e foram pra classe dela, e os delas vieram para a minha classe, e fizemos duas turmas diferentes. Mas isto porque a diretora concordou e nós se juntamos. Todos os meus passaram, claro, os dela eram melhores, e ela ainda conseguiu recuperar três ou quatro daqueles que não iriam passar.

V - E em Matemática, eles eram bons também?

T - Era a mesma coisa, eram bons alunos, mas o problema são os hábitos das pessoas. Por exemplo, em Caxias eu descobri que tinha dois alunos que não

podiam entrar dentro de casa para fazer os temas, porque sujavam a casa e a mãe não queria que colocasse os pés dentro de casa, então, chegava do colégio, largava. Aí eu acho que não é só os professores, é em casa que é o problema, aí eu vim descobrir por outras pessoas, professores, amigos, que o menino chegava em casa, largava as bolsas tudo direitinho, porque italiano é fogo e não podia entrar dentro de casa pra não sujar a casa. Só quando ele vinha às sete horas, cansado de brincar e de correr, que ele podia entrar pra pegar os livros pra estudar, não tinha esta liberdade que tem hoje.

V - Sim.

T - Eu acho que os pais são os principais, porque eu criei quatro filhas, trabalhava de manhã e de tarde e depois Educação Física de noite. Duas horas da madrugada, três horas da madrugada eu me levantava, isto, uma vez por semana eu fazia, no mínimo, pegava todas as mochilas, ia lá para cozinha, bem longe, e examinava uma por uma.

V - De madrugada a senhora fazia isto?

T - O que elas estavam fazendo no colégio, porque eu não tinha tempo, entendesse?

V - Sim. Por isto, a senhora fazia de madrugada.

T - De madrugada, elas estavam tudo dormindo e eu olhava bilhetinhos e coisinhas. Os pais têm que estar atento aos filhos, porque se tu não esta atenta, a escola te dá conhecimento, mas não te dá educação. Eu acho que a escola a obrigação é só dar conhecimento, claro que a gente dentro do conhecimento procura dar uma disciplina, alguma coisa para os alunos, mas não é obrigado a dizer que tu não tens modos de sentar numa aula, a gente corrige: postura, gente! Mas não é a obrigação do professor fazer isto, é ensinar, os pais que tem que ajudarem e os pais não ajudam. Hoje em dia, e tu tens que saber a limitação de cada um, tu não vais querer que eu aprenda Álgebra, porque eu não vou aprender.

V - Claro, tem que saber na sala de aula o que cada aluno pode aprender.

T - O que podes, e nem por isso tu não vai dar zero para aquele aluno que não consegue aprender. Isto que eu me debatia muito com as colegas minhas, se eu te

conheço bem, eu sei que tu és fraco em Português, claro que eu não quero deixar que tu escrevas muito mal, mas se tu és médio, eu posso te dar uma nota, porque eu sei que tu não tens capacidade pra mais, tu tens que conhecer o teu aluno.

V – Sim.

T - Os professores hoje em dia trabalham tanto e não conhecem.

V - Matemática, a senhora fazia assim também?

T - O que que adianta eu colocar de castigo, eu nunca mandei de castigo pra casa, eu fiz na minha época, escrever todas as capitais do Brasil, da América, 200 vezes, que eles davam no Ginásio. Eu nunca fiz os alunos repetirem, fazia: vamos estudar a tabuada, vamos fazer isto, vamos aquilo, vamos somar. Incentivar, porque tu sabes a capacidade de cada um, tu tens que saber, mesmo que tu tenhas dez turmas, tu tens que aprender, tu tens que lidar. Professor tem que ter cabeça pra lidar com todas as turmas, se não passa por um armário, despeja a matéria, aprendeu, aprendeu, não aprendeu, não aprendeu.

V - Dona Terezinha, para finalizar, a senhora lembra de mais alguma coisa sobre Matemática no Instituto de Educação Assis Brasil?

T - Sobre a Matemática, deixa eu pensar um pouquinho sobre a Matemática... eu acho que a gente não tinha muitas aulas durante a semana, era só conteúdo de primário pra ensinar, como ensinar o primário. Não era assim, tu estás numa faculdade, tu estás vendo outros conteúdos, ou vamos imaginar assim, um conteúdo que tu tenhas desde lá, do primário, e depois tu vais aperfeiçoando este conhecimento. Lá não, no Normal tu voltavas pra Matemática, de como ensinar Matemática, como fazer somar, como fazer a dezena, a centena. Os conceitos básicos, é isso que eles ensinavam na Matemática.

V - Como fazer?

T - Sim, quando eu fiz de 1^a à 4^a série aprendi dezena, centena e unidade. E eu não tenho bem certeza, mas eu acho que não aprendi nada de Matemática, outras coisas, eu voltei para aquela Matemática de como ensinar um aluno a saber uma centena, como ensinar um aluno a ver uma dezena. Entendes?

V - Sim.

T - A minha Matemática não foi aperfeiçoada no Normal, para acrescentar conhecimento, foi baseada para que eu soubesse fazer aquela disciplina, dar para aqueles alunos.

V - A ensinar eles?

T - Ensinar eles, eu não lembro nada de Matemática, passei muito bem em Matemática, não tenho problema nenhum. E eu lembro deles ensinando a fazer os quadradinhos, os ensinavam de maneiras diferentes, como fazer as dezenas e centenas, porque depois a professora de didática que exigia aquilo dali.

V - Tem mais alguma lembrança, alguma coisa que eu não perguntei que a senhora queira colocar?

T - Eu achei ótimo o Normal, não tenho nada pra acrescentar. O Assis Brasil sempre foi muito bom pra mim, nossa turma era muito boa. Eu acho que só acrescentou conhecimento e vivências, muitas vivências no Assis Brasil, eu não tinha esta capacidade de vivência com as pessoas, o Normal faz isto com a gente, não é como um Curso Técnico. Eu já trabalhei com o Curso Técnico, trabalhava com o Curso técnico lá em Santa Vitória, 1º, 2º e 3º ano Científico, não tem aquela vivência que a gente aprende no Normal. O Normal, ele dá uma característica, agora não sei, estou afastada muito e muitos anos, mas aquela época dava uma característica de tu conviver melhor com as pessoas, é isso aí que eu acho.

Agradecimentos finais.

Entrevista: Marina Laranjeira (M)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 23' 15''

Pelotas, 9 de novembro de 2017

Local: Escola Particular Érico Veríssimo.

V - Bom dia, professora Marina Laranjeira.

M - Bom dia.

V - Eu estou fazendo minha pesquisa de Mestrado, sobre Memória da Matemática na Formação de Professores Primários no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, entre os anos de 1947 e 1971, e me informaram que a senhora atuou na Escola Assis Brasil nesta Época...

M - Atuei, fui aluna até 1962 e depois fiz um concurso e fui trabalhar lá. Foi quando a escola se transformou em Instituto de Educação, era uma escola Normal, e aí fizeram um concurso em todo o estado onde tinha Instituto de Educação e contrataram 15 professoras pra trabalhar na escola. Então, já comecei a trabalhar em 1962.

V - E quais as lembranças que a senhora possui de quando trabalhava no Curso Normal do Assis Brasil?

M - Ah, o Curso Normal era ótimo, havia muitas turmas de alunos e havia uma diretora, professora Zilda Morrone, que proporcionava tudo que tu quisesse. Ah, podes imaginar, aquela época do mimeógrafo estava surgindo, não é como hoje que tira xerox a hora que tu queres. Então, ela dava todas as condições para fazeres o que tu imaginavas e o que tu achavas que era melhor para os alunos. Além disso, naquela época, as escolas cobravam uma taxa escolar, as escolas estaduais, de todos os alunos, de acordo com as possibilidades de cada aluno. Então, havia dinheiro sobrando pra tudo, tu podias pensar o que tu quisesse fazer e a escola dava um jeito.

V - Dava todo o suporte?

M - Material didático, que naquela época não havia, como é que vou te dizer, assim, os recursos que é hoje, inclusive a própria internet. É como eu te disse, a gente usava o mimeógrafo, que estava surgindo, e deu muita possibilidade para a gente trabalhar, e a nossa turma de alunas do Curso Normal era muito unida, nós somos amigas inclusive até hoje, e nos reunimos. Fizemos esses tempos 55 anos de formadas e nos encontramos, trocamos ideias, embora estejam todas aposentadas.

V - A senhora lembra como era a estrutura do Curso Normal naquela época?

M - Lembro, tinha a parte de Cultura Geral, que era o 1º ano, depois tinha a parte didática pedagógica, que era o 2º e 3º ano, e depois havia o estágio. Inclusive, eu fiz o estágio quando eu tirei o Curso Normal.

V - A senhora tinha me falado do material didático.

M - A gente confeccionava material, porque naquela época não tinha, não havia, por exemplo, esse tipo de recurso que tu está vendo aí. Não tinha, tinha que fazer de papelão, mas, na verdade, a utilidade dele é a mesma, papelão e madeira tu podes trabalhar o que tu queres. Claro que a duração desse material de madeira e aparência é muito melhor, só que naquela época ninguém conhecia, então, tu aproveitava tudo isto para trabalhar.

V - E a senhora trabalhava Didática da Matemática e confeccionava esses materiais com as alunas?

M - Fazia esses materiais, eles faziam estes materiais, materiais de frações. Inclusive, materiais de frações eu até acho que tenho um aí que eu posso te mostrar.

V - Ah, seria interessante pra colocar na pesquisa.

M - Eu até tenho aqui uns que a gente usava tá, e ainda usa, mas só que naquela época era de papelão.

V - Da outra vez que eu estive aqui a senhora comentou que utilizava material cuisenaire?

M - Sim, cuisenaire, que sumiu de circulação, não se ouve mais falar, não sei se era um material difícil de confeccionar, mas era excelente pra aprenderem a multiplicação e a divisão, mas sumiu, não ouve mais falar.

V - E a disciplina Didática da Matemática também era responsável por trabalhar com materiais concretos e confeccionar materiais na formação de professores?

M - Sim, e as alunas, inclusive, antes do estágio, praticavam as aulas do curso primário do Assis Brasil.

V - Antes do estágio?

M - Antes do estágio elas faziam, elas iam dar aula, elas assistiam às aulas dos professores que trabalhavam no Assis Brasil, já iam com essas condições, que seriam observadas pelos alunos.

V - Eles tinham tipo uma microaula antes de irem para escolas então?

M - Antes deles trabalharem todo dia, além do que eles faziam, faziam Didática de Linguagem, Literatura, faziam Matemática, Estudos Sociais e Ciências.

V - Então, deixa eu ver se eu entendi, o que a senhora ensinava na Didática da Matemática eles aplicavam na escola para os alunos do currículo?

M - Do currículo, inclusive naquela época o Centro de Pesquisas de Orientações do Estado, CPOE, que mandava parte de Ciências, eu não me lembro, assim, exatamente como era, mas tinha estágio de experiências que as alunas tinham que fazer a parte prática por ano, e, naquela época, as provas vinham de Porto Alegre, lacradas como no ENEM. Entendesse?

V - Interessante.

M - Essas provas vinham de Porto Alegre.

V - Sim, vinham da secretaria?

M - Sim, e de Porto Alegre.

V - Professora, essas provas vinham de Porto Alegre lacradas e condiziam com os conteúdos?

M - Condiziam, só que um ano eles colocaram em Estudos Sociais, eu me lembro que ninguém tinha trabalhado nem estudado José Plácido, tu conheces José Plácido?

V - Não.

M - Ele era de São Gabriel, e foi ele que conquistou o Acre para o Brasil, e veio nas provas, e veio para o 4º ou 5º ano, não me lembro, e foi um horror porque ninguém tinha dado. A partir daquele ano começaram a trabalhar José Plácido.

V - Trabalhavam também de acordo com a prova?

M - Sim.

V - A Senhora me falou que o Curso Normal era ótimo e a senhora avalia com essas palavras o ensino do curso na época?

M - Excelente. Prova é que os professores que tu recebes que tem Pedagogia, mas não tiraram magistério, a diferença é grande. Por exemplo, no Curso Normal e no Magistério, que depois se transformou, tu aprendias a fazer tipos de questões, entendesse? Bem feitas, bem organizadas, na Didática da Linguagem, por exemplo, a gente dava o texto pro aluno, e ele, para fazer a interpretação, que não adianta tu dar um texto e dizer assim: resume o texto. O aluno não tem condições de resumir, 13, 14, 15 anos e olhe lá, então, tu tinha que inventar perguntas para aquele texto e, ao inventar perguntas para aquele texto, tu interpretava o texto também, aprendia a interpretar porque tu dá um texto para o aluno e faz quatro perguntas. Ele não vai chegar àquilo que tu queres, e tu tens que variar, e tu pode fazer até para 2º ano, como se diz, as pegadinhas, tipo ENEM.

V - Sim.

M - Entendesse?

V - Claro, entendi.

M - Parece uma coisa e não é, isto tu podes treinar desde pequeno.

V - E na Didática da Matemática a senhora também vê essa diferença?

M - Claro, e tu sabes que o maior problema da Matemática, entre os quatro e cinco anos, quatro e cinco não, cinco e seis, eles ter a noção de um porquê. Se tu fizeres aquela experiência... eu não me lembro quem é o autor, tu colocas água num pote pequeno e coloca um pote grande, aí tu passas a água do pote pequeno para o pote grande, enche de novo o pote pequeno e tu perguntas: onde há mais água? Ele vai te dizer que é no grande, por que? Porque ele ainda não tem a noção.

V - E a senhora trabalhava esse tipo de experiência no Assis Brasil?

M - Sim, e acredito que fazem até hoje, eu acho. Não sei por que não tenho mais ideia, e o curso preparava para tudo isso. No começo, tinha técnicas e incentivavam, eu estou te falando a experiência que eu tive no Instituto de Educação Assis Brasil, e essas provas que vinham eram ótimas porque tu não sabias o que ia cair.

V - Era surpresa?

M - Era surpresa. É como te contei dessa do José Plácido, ninguém conhecia e nem sabiam quem era. No Acre, há muitos lugares homenageando ele, e eu me lembro que ele era de São Gabriel.

V - Professora, me fale mais alguma coisa que a senhora lembra do conteúdo de Matemática.

M - Eu lembro das frações, que te disse, desse material das frações, me lembro do metro cúbico que se fazia para eles terem noção do que é o metro cúbico, porque tem gente que não atina metro cúbico, nem metro quadrado. Para ti calcular o perímetro, para calcular a área são duas coisas diferentes, né? Então, o que acontece, eles tinham que ver, hoje eu não vejo mais isso. Fazia-se, entendesse? Depois, para comparar metro cúbico. Litro, então, elas olhavam, colocavam a mão e elas faziam esse material, coisas de medir também, para medirem em casa, para a criança ter a noção que começa do zero, senão ele começa do um.

V - Sim.

M - Olha, estou vendo como eu me lembro das coisas!

V - Olha, interessante, isso vai enriquecer bastante o trabalho!

M - Agora eu estou te falando a minha experiência.

V - Mas é o que eu preciso, da sua experiência.

M - Não sei de outras escolas, mas eu acho que mais ou menos era tudo nivelado.

V - Esses materiais confeccionados, todos eram feitos pelas normalistas e elas aplicavam nas turmas das séries iniciais?

M - Elas levavam os materiais para elas trabalharem nas aulas.

V - E como vocês eram orientadas o que ensinar? Da onde vinham os conteúdos?

M - Vinham do grupo do CPOE, que eu te disse, Centro de Pesquisa e Orientação, vinham os conteúdos, uma listagem, e tu podia usar aquilo e aumentar, mas tinha aquele mínimo que tu tinhas que dar.

V - E vocês cumpriam a riscas essas orientações?

M - Sim, aquilo tu tinhas que fazer. Inclusive eu me lembro que quando eu tirei o Curso Normal, para ti ver como foi bem trabalhado, foi o Panamericanismo, então, se trabalhou, então, se trabalhou. Cada grupo aprendia música de todos os países, eu me lembro de uma música peruana, que depois o Caetano Veloso gravou, como era o nome... agora eu não me lembro do nome da música, tinha música mexicana, tinha música americana.

V - Sim.

M - Vê bem como eu me lembro! Inclusive, pintores a gente estudava, de toda a América, porque era o Panamericanismo.

V - Então, a senhora trabalhou várias disciplinas no Curso Normal, além da Didática da Matemática?

M - Sim, tinha coro, todo mundo cantava. Como eu te disse, no Panamericanismo houve essas variedades de todas as matérias.

V - E com as normalistas, a senhora chegou alguma vez a trabalhar com estágio supervisionado?

M - Sim, seis meses.

V - E como a senhora via a questão, o que elas aprendiam em suas aulas de Didática da Matemática, elas colocavam em prática quando ministravam as microaulas? Como a senhora avalia essas aulas?

M - Sim, eu avalio agora, estou avaliando de uma outra maneira, eu não me lembro como era quando eu era jovem, entendesse? Eu fiz esse estágio e utilizava, não só eu como todo mundo, utilizavam essas práticas, e tinham que fazer porque se tu não fizesses não seria aprovada, não receberias o título.

V - E qual era o período do Curso Normal naquela época?

M - O curso era três anos e o estágio seis meses, tu não tinhas o título se tu não fizesses o estágio.

V - A senhora foi aluna e foi professora também, a senhora viu alguma diferença do que a senhora aprendeu para o que a senhora ensinou?

M - Eu via muita diferença é no interesse das alunas. No meu tempo, a gente era interessada, fazíamos as coisas, procurávamos ir além. O problema, eu acho, do Magistério, é que não adianta tu só ensinar o feijão com arroz. Vamos supor, tu tens que incentivar o aluno a ir além, não se limitar. Por exemplo, se tu és interessado, onde tu estiveres, e tu achas que tens algumas coisas que vai interessar, tu tens que aproveitar aquilo dentro da tua sala de aula. Por exemplo, não sei se tu visses esse problema do bullying.

V - Sim.

M - Esta inspiração tu tens que ter dentro de ti, de querer que o outro melhore, eu sou do tempo que era Curso Normal e a gente olhava os cadernos dos alunos, corrigia ortografia e arrumava.

V - Fazia acompanhamento individual.

M - Sim, eu lembro até hoje.

V - E a questão de resolução de problemas, a senhora lembra como era trabalhado? Era diferente de como é agora?

M - Agora, uma coisa que se usa agora, e inclusive veio em um autor de livro aqui na escola, que não se fazia naquela época, que eu acho excelente, é pegar esses

folders, os folhetos que as lojas distribuem, e dar para os alunos formularem problemas, que tu sabes que, com a máquina de calcular, muitos, não sei te dizer qual é o nome do neurônio do cérebro que o aluno não utiliza, e faz falta de fazeres isto. Eu tinha uma amiga, tu vês bem, que fugiu da guerra na Europa, e ela sabia fazer conta de multiplicar oralmente, por exemplo, 325 vezes 114, sem escrever. Aquilo agitava a cabeça dela e ela foi treinada para aquilo, fazia com que ela depois pensasse outras coisas. Mas o que esse professor falou e o que se faz, eu pelo menos, aqui no Érico Veríssimo, a gente faz é aproveitar esses folhetos proporcionais, e eles fazerem problemas, como nós temos a facilidade do Uruguai aqui perto, tu és da região de Bagé?

V - Sim, sou de Bagé.

M - Então, vocês tem a proximidade ali de Aceguá, pegar os folhetos que fazem e transformar, e ver. Por exemplo, vai lá compra uma sanduicheira, custa tanto, e transforma em reais, e o que tu gastasse na gasolina para ir lá, e a comida que tu fizeste e lanche. Entendes?

V - Sim, é uma excelente ideia!

M - Isso não se fazia naquela época.

V - Não trabalhava com a realidade?

M - Não se trabalhava com a realidade.

V - E os conteúdos vinham deste grupo?

M - Sim, mas podia aproveitar porque tinha lucro, tinha porcentagem. Naquela época, tinha, mas era uma realidade diferente, por exemplo, até porque, naquela época, compras a crédito nem existia muito, quando se fazia era no caderno, isso era uma coisa que não fazíamos e eu acho maravilhoso.

V - Durante a sua prática docente, esse tipo de metodologia, a senhora não aprendeu no Assis Brasil, quando a senhora foi aluna?

M - Não, não, aprendi, a vida te ensina. Como, por exemplo, que a gente dá muito aqui as tirinhas, eles aproveitam, aproveitam no ENEM, e naquela época não tinha quase. Entendes?

V - Sim.

M - Então, nós podíamos aproveitar, estou falando num tempo bem mais antigo, não estou falando de 1990, quando eu me aposentei, em 1993.

V - E outros tipos de material como o dourado, vocês faziam no Curso Normal?

M - Não, naquela época ainda não tinha.

V - A senhora lembra de mais alguma coisa que o curso oferecia naquela época?

M - Ah, eu lembro de uma vendinha que nós fazíamos, armávamos uma barraquinha, um mercadinho, e os alunos iam fazer as comprinhas, um tirava as notinhas, outro dava o troco, isso nós fazíamos. Mas, assim, buscando os preços ali que tu achavas, utilizando esses materiais didáticos.

V - Tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar que eu não mencionei aqui?

M - Não me lembro, assim, essas coisas são duas coisas básicas.

V - A senhora começou a trabalhar em 1962 e foi até 1993?

M - 1993. Eu fiz concurso e passei, e trabalhei com Didática da Matemática, Linguagem e Geral. Como é bom recordar!

Agradecimentos finais.

Entrevistada: Iony Naura Carrico Dias da Costa (I)

Entrevistador: Vinícius Kercher (V)

Tempo da entrevista: 25' 09''

Pelotas, 17 de maio de 2018.

Local: sua residência, rua Gonçalves Chaves, 4221.

V - Boa tarde, Dona Iony.

I - Boa tarde, Vinícius.

V - Meu nome é Vinícius, sou aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação daqui da UFPel, eu estou fazendo um trabalho de pesquisa através da metodologia da História Oral, sobre Memórias na Formação de Professores no Curso Normal, entre 1947 e 1971, e me informaram que a senhora estudou no Assis Brasil.

I - A vida inteira, do Jardim até o Magistério.

V - E a senhora fez Curso Normal lá e seguiu exercendo a função de professora?

I - Sim, depois fui pra faculdade, nunca parei.

V - Nunca parou!

I - Me aposentei em 2000 e... acho que 2004, Vinícius.

V - 2004?

I - É, acho que em 2004 eu me aposentei.

V - E quando a senhora se formou?

I - Na faculdade?

V - Não, no Curso Normal.

I - Ih, Vinícius! Vamos voltar lá atrás, em 67, eu acho que metade de 68.

V - Metade de 68?

I - Acho, acho.

V - Minha pesquisa vai até 1971, a senhora se enquadra.

I - É.

V - A senhora podia me dizer quais lembranças possui da época que estudou no Curso Normal, no Instituto Assis Brasil?

I - Em relação a que?

V - Suas lembranças, o que a senhora lembra de quando estudou.

I - Nada com a Matemática?

V - Também com Matemática, tudo que a senhora lembrar.

I - Eu fiz estágio numa vila muito pobre, chamava-se Vila dos Agachados, no fim da Avenida Bento Gonçalves, hoje é o Condomínio Village. Era apenas uma peça de madeira, um chalé grande dividido em quatro partes, e a casa, a casinha do guarda, ficava a uns dez metros, dez passos do colégio. Era uma vila muito perigosa, e a vivência daqueles alunos não tinha, para mim, nada a ver com problemas de Matemática. O que eu poderia desenvolver numa 2ª série como prova do meu estágio? Os alunos pediam coisas na rua, eles pediam comida e pediam dinheiro, então, eles tinham muito mais experiência do que aquilo que eu passaria para eles.

V - Sim.

I - A respeito de troco, especificamente, lembro que pretendia ensinar as crianças com dinheiro, e eu me lembro que falei, nesta ocasião, com minha orientadora, e disse para ela exatamente isto que estou te dizendo, que eu me sentia até, assim, até abobalhada, que eles sabiam muito mais do que aquilo que estava no planejamento. Eu perguntei se eu podia ir além, ela me disse: não.

V - Não podia ir além daquilo que estava no conteúdo?

I - Que eu tinha que seguir o programa. Foi a primeira decepção, porque eles sabiam muito, muito mais, pelas vivências. Achei, assim, sabe, aquilo me marcou, sabe.

V - Sim.

I - Eles tinham muito mais pra dar do que aquele planejamento ali, mas era um estágio, eu tinha que fazer, não é?

V - Claro.

I - Gostasse ou não gostasse, não é, Vinícius?

V - Era o estágio pra ter o diploma de professora?

I - Diploma de professora. Depois eu trabalhei na rede municipal, na rede particular, na rede privada, e trabalhei muitos anos no SENAC. Depois, mais perto de me aposentar, fui pra Delegacia de Ensino, eu sou inspetora, minha especialização é em Inspeção Escolar.

V - Sim.

I - A legislação escolar me envolve.

V - Eu gosto muito desta parte.

I - É muito boa, muito, muito boa. Eu gosto muito de trabalhar com isto, então, assim, eu tenho todos os tipos de experiências que tu podes imaginar, de alunos pobres, alunos médios, alunos ricos, alunos adultos, alunos criança e alunos adolescentes.

V - Sim.

I - Trabalhei com todos.

V - E específico de quando a senhora estudou no Curso Normal, tem alguma coisa que lhe marcou durante o seu estudo?

I - Não só durante o Normal, mas durante uma vida inteira, né, Vinícius?

V - Uma vida inteira no Assis Brasil?

I - Tenho experiências maravilhosas, que jamais vou esquecer. O Assis Brasil mora no meu coração, pessoas e professores do Assis Brasil, além de experiências muito ricas.

V - A senhora tem contato com alguma professora do Curso Normal?

I - Das minhas?

V - É, que lhe deu aula no Curso Normal.

I - Tenho, até tenho. Maria Helena Martins, depois, foi trabalhar na Católica, também tive contato com ela na Católica, a gente se encontra de vez em quando, né?

V - Sim.

I - Também a professora Vilma Rosa, só tenho experiências boas, só coisas boas.

V - E a senhora lembra como era a estrutura do Curso Normal naquela época, como ele era organizado?

I - Aí é que está Vinícius, não vou me lembrar para te dizer.

V - As disciplinas do curso...

I - Tinham todas as didáticas, a Didática Geral, depois as didáticas específicas.

V - De cada disciplina?

I - É, é, um curso muito voltado para a Psicologia, ainda nem tinha faculdade de Psicologia aqui. Então, tudo que a gente aprendia a respeito de aprendizagem, na Universidade, era baseado na Psicologia.

V - Tinha Didática da Matemática, Didática de Português, Didática de Ciências?

I - Sim, sim.

V - E o que vocês faziam nessas aulas de Didática? Como eram essas aulas?

I - A gente usava as técnicas que aprendíamos na Didática Geral, escolhíamos um assunto e sobre aquele assunto dávamos uma aula. Eu preparava uma aula, desenvolvia a disciplina, que era o conteúdo dentro de uma técnica que a didática te apresentava.

V - E vocês faziam materiais para trabalhar com as crianças?

I - Ah, sim, tudo, tudo, tudo na base do material.

V - E a senhora lembra de algum material que fizeram? A senhora não guardou esses tipos de materiais?

I - Não, não Vinícius. Eu me lembro que a gente fez uma vez alguma coisa com papel higiênico, deu um trabalho horroroso, era uma máscara, era alguma coisa que a gente moldava e molhava aquele papel higiênico, montava, eu acho, que era uma máscara que a gente fazia. Isso eu lembro que dava um trabalho!

V - Isto em qual a Didática?

I - Ah, não lembro.

V - E de Matemática, a senhora lembra de alguma coisa que fez na Didática de Matemática?

I - Material concreto, a gente fazia muito material concreto. Aquele o Ábaco a gente construiu, coisas para as crianças contarem.

V - Material de contagem.

I - Nós fazíamos com qualquer material, caixinha, vidrinho, tornávamos bonitinha uma coisa que era feia, né?

V - Sim.

I - Forrávamos as caixinhas de fósforo, aí tu tornavas aquilo aprazível para as crianças manusearem e aprenderem.

V - Nessas aulas de Didática da Matemática?

I - Sim, sim.

V - E onde vocês aplicavam essas aulas? Eram como os alunos do Assis Brasil?

I - Tudo no estágio, esse material a gente já guardava. Nós iríamos utilizar tudo no estágio e realmente utilizamos.

V - Essas microaulas, digamos, eram lá dentro do Assis Brasil?

I - Dentro do Assis Brasil. Ah, não, assim, eles tinham um material variado para contar, para aprender, as aulas eram muito materiais, só que o mundo deles, mesmo, onde eu fiz estágio, era um lugar muito pobre, eles não teriam nem condições pra isso.

V - A senhora tinha muita criatividade para produzir o material?

I - Sim, sim. Eram alunos muito carentes de tudo, de moral, de dinheiro, de comida e de tudo, Vinícius! Tu entravas naquele bairro, era outro mundo, né? Eu tinha uma aluna, lembro o nome dela, a Rosinha, quando a gente atravessava a vila, tinha um canal no meio, de água suja, e, às vezes, eu passava e tinha uma mulher sentada, ela molhava o pente com aquela água com fezes e se penteava, aquilo me dava um arrepio, Vinícius! As casas ficavam do lado desse canal e um dia essa Rosinha disse assim: professora... Eu vi que o guarda foi lá e discutiu com a mãe dela, uma coisa que eu não sei o que era, eu já fui colocando as crianças pra dentro. Professora, minha mãe pegou meu pai e minha irmã lá na charrete. Ai, Vinícius, eu quase tive um troço! Eles contavam dentro de aula, com a maior neutralidade. Então, era pai com filha, tinha um pai e uma filha que anos ficavam na Avenida Bento Gonçalves, esquina Gonçalves Chaves, vendendo melancia, era um monte de crianças. Era pai e filha, era uma pobreza, assim, em todos os sentidos que tu possas imaginar.

V - De moral e de costumes?

I - Tudo, tudo! Era uma vila muito, muito pobre.

V - E a senhora queria fazer além daquilo que estava nos conteúdos?

I - E tem uma de Natal, que é muito bonita esta história. Eu nunca perguntei pra irmã Assunta se foi ela, nós temos aqui a irmã Assunta, trabalha com medicação, ela faz remédio, consulta, fez acho que 90 e tantos anos agora, bem pouco tempo. E eu lembro que no Natal tinha uma dessas mulheres grávida, a irmã Assunta, a história que eu soube na vila foi essa, que a irmã entrou e a mulher estava tendo um filho sozinha e a irmã teria dito: que Deus me ajude. Levantou as mangas e foi ajudar ela a ter um filho, foi uma época de Natal. Eu até hoje nunca falei com a irmã Assunta sobre isto, mas como ela é a irmã Assunta, e era ela que fazia esta caridade lá, eu acho que foi ela, até um parto ela fez, não tinham nada, nada.

V - E a senhora fez estágio lá?

I - Fiz.

V - Os conteúdos que vinham para vocês trabalhar vinham do Assis Brasil ou da Secretaria de Educação?

I - Não, do Assis Brasil.

V - Tinha que trabalhar tal qual estava ali?

I - Tudo nos moldes da legislação, tudo de acordo com o conteúdo estipulado.

V - E quem criava estes conteúdos?

I - Ah, tinha uns livros, a página dobrada em três, com conteúdos, com exercícios e todas as coisas, eram mais de um desses livros. A gente chamava de blocos, mas era mais de um, então, a gente trabalhava em cima daquilo que, na ocasião, o estado todo usava.

V - Mas o estado todo usava? Então, ele não era feito no Assis Brasil?

I - Não, não! Aquilo era feito, não sei onde era feito, não lembro pra te dizer.

V - Sim.

I - Mas a gente trabalhava com aquele conteúdo, era o conteúdo das séries, dentro dos modos do conteúdo que o estado usava e a legislação permitia, né?

V - Claro. E como que senhora avalia a estrutura do curso, o ensino do curso, naquela época?

I - Maravilhoso, maravilhoso!

V - Avalia positivamente, então?

I - Maravilhoso! Tomara que continue tão bom quanto era!

V - Sim.

I - Tomara!

V - O que a senhora aprendeu no Assis Brasil conseguiu colocar em prática?

I - Sim, sim. Eu saí com uma experiência tremenda, tu saí dali pra lidar com crianças.

V - O Curso Normal te da esta bagagem, eu fiz Curso Normal.

I - Fizeste também?

V - Fiz!

I - Ele dá para gente isto daí, eu achei maravilhoso meu Curso Normal, boas lembranças dele.

V - Os conteúdos que a senhora trabalhou, que aprendeu no Assis Brasil, na Didática da Matemática, como que os professores faziam para ensinar vocês a dar aula?

I - A Didática nos ensinava a maneira de dar aula.

V - E como os professores ensinavam vocês a ensinar eles?

I - Com muito cartaz e muita técnica. Eu me lembro, tinha uma técnica que a gente fazia com um cabide, não me lembro o nome da técnica, começa tudo a partir de um cabide, até tu chegar onde querias, mas não lembro o que era isto.

V - Eles ensinavam com técnica, deixa eu ver se entendi, o que vocês deveriam desenvolver com as crianças vocês aprendiam ali?

I - Sim, sim.

V - Bem interessante!

I - As técnicas de aprendizagem todas ali, e a Didática Geral nos dava suporte para a gente poder trabalhar.

V - E a senhora poderia me falar mais sobre a Matemática do curso?

I - A experiência que eu tenho da Matemática foi isto que eu te contei.

V - A senhora utilizou como primeira palavra “decepção”, por que não pode trabalhar o conteúdo?

I - Sim, eu achava assim, eles tinham outras vivências, era como se eu tivesse brincando de teatrinho como eles. Eu lembro que a gente trabalhava centavos e eles já estavam no cruzeiro. Era bem assim, tu começavas a trabalhar com centavos, mas eles pediam dinheiro, eles conheciam notas de dinheiro e conheciam cruzeiros, era cruzeiro naquela época. Então, é um absurdo, eu não posso, tenho que ir adiante, mas não consegui!

V - E, quando a senhora foi dar aula, aí a senhora conseguiu colocar em prática a sua metodologia?

I - Sim, sim.

V - E este sentimento de decepção passou?

I - Passou. Encarei como uma coisa que estava dentro do estágio, era uma previsão feita pela, caso, minha orientadora, era ela que orientava o estágio e ela tomou esta atitude, tudo bem.

V - E lembrança de Matemática enquanto aluna na sala de aula no IEAB?

I - Péssima, péssima! Eu odiava Matemática, odiava a Matemática!

V - Odiava a Matemática ou a Didática da Matemática?

I - A Matemática, Didática não!

V - E como os professores passavam conteúdo de Matemática na época?

I - Quadro, o quadro verde, mas eu tinha um pânico de Matemática!

V - E passavam Matemática do Ensino Médio ou Matemática para ensinar para as crianças?

I - Ensino Médio. Tinha uma parte que era das crianças, como te digo, como tu iria trabalhar com as crianças, tal assunto, mas a Matemática em si, eu fui uma aluna muito fraca sempre em Matemática, eu tinha medo de Matemática até conhecer o professor Lino. Tu não conheces o professor Lino Soares, de Matemática?

V - Já li o nome dele.

I - É um deus, é um autodidata, tu queres saber de Matemática, entrevista ele.

V - Ele deu aula no Curso Normal?

I - Não, não, foi meu delegado de ensino, dá aula na faculdade, ele é muito velho, está o professor Lino. Uma vez, eu convidei ele para ir numa escola que eu trabalhava, trabalhava Matemática com as crianças, precisava ver, nunca teve didática na vida dele, tem livros publicados e tudo. Aquilo flui, flui, assim, o professor Lino é algo!

V - E qual a faculdade a senhora fez?

I - Pedagogia.

V - Eu gosto de Pedagogia também, mas eu fiz Matemática.

I - É, fizeste Matemática. Eu dizia para o professor Lino: eu tenho pânico de Matemática. Ele ria e dizia: te criaram um bloqueio.

V - E o que a senhora aprendeu no Curso Normal colocou em prática?

I - Sim, sim, tudo, tudo, nada foi inútil. Por isto que eu digo, tomara que ele esteja tão bom, o Curso Normal hoje, como ele era.

V - As práticas pedagógicas dos professores de Matemática, como a senhora avalia?

I - Boas, boas! Não tenho nada contra para falar das práticas pedagógicas, não tenho nada contra, não.

V - Avalia positivamente as práticas, tanto de Didática quanto de Matemática?

I - Sim, sim.

V - Para a gente finalizar nossa entrevista, a senhora lembra de mais alguma coisa sobre a Matemática no Instituto Assis Brasil?

I - Eu tinha uma professora, não lembro se o nome era Naugea, uma senhora já de idade, ela era brava, era alta e eu tinha um medo dela, professora de Matemática. Depois, eu tive uma de Matemática maravilhosa, dona Iracema, se eu não me engano, o oposto da dona Naugea. Não que a dona Naugea não fosse boa professora, era excelente, mas eu já tinha medo da Matemática, imagina, com uma professora brava eu nem falava. Depois, eu tive a dona Iracema, que era um doce, tinha uma calma para explicar, um jeitinho de levar, mas não tenho recordações ruins, não, só recordações boas.

V - Quem estudou no Assis Brasil tem a escola no coração.

I - Eu passei a vida inteira lá dentro, conheço cada buraco do Assis Brasil.

V - A senhora nunca voltou a dar aula lá depois?

I - Não, até uma vez queriam me levar pra lá, um delegado que eu tive, que era uma troca de delegado, e queria uma determinada pessoa, e a pessoa não queria ir, então, vai uma de vocês, e eu gelei. Ah, só me falta ser diretora do Assis Brasil, não estava nos meus planos, nunca me imaginei. A gente que trabalha fora do Assis Brasil, como eu vou te dizer, é uma escola com um grupo muito unido, era, né? Muito unido, politicamente bem formados, então, é uma escola meio difícil para trabalhar, não é impossível.

V - Sim.

I - Mas eu falo especificamente quando eu lembro em relação às greves, naquela ocasião, a maioria dos professores eram PMDB, hoje eu não sei, eu estou fora de escola, né? Então, tinha um movimento de greve, eles pegavam parêntese. Eu fui grevista a vida inteira, mas, o Assis Brasil, se resolviam não entrar, não entravam, mas, normalmente, eles entravam.

V - Dona Iony, tem mais alguma coisa que a senhora gostaria de falar que eu não lhe perguntei, que a senhora lembre?

I - De Magistério?

V - Sim, do Curso Normal ou qualquer outro assunto que a senhora gostaria de abranger.

I - Eu já te falei tudo, o Curso Normal para mim foi uma maravilha, me preparou para lidar com crianças, a Pedagogia também. Eu adoro o curso que eu fiz, tu sai muito mais preparada, talvez daí eu tenho tido a facilidade para trabalhar com adulto, com criança e com adolescente. A primeira vez que eu entrei numa sala de aula eu tinha 18 anos, eu tinha 49 alunos adultos no noturno, e só um mais moço que eu. Quando eu olhei para aquela sala, assim, Jesus, me ajuda! Dá um frio, uma 5ª série, lembro direitinho, mas tirei de letra. Graças a Deus, depois trabalhei com meus alunos pobres, lá da vila. Trabalhei em escola particular, aluno rico, estou te dizendo isto porque cada aluno tem uma característica. É que nem aquele plano, tu sabes se pode ir além ou aquém, esta é a definição que eu faço dos alunos. Eu jamais vou concordar que digam: todo aluno merece a mesma coisa, aprende a mesma coisa. Não tem! Um aluno na escola particular tem muito mais riqueza de material que um

aluno da vila, não que o aluno da vila não tenha capacidade, capacidade é outra coisa. Mas, em termos de riqueza, se tu fores nesta vila hoje, não deve ter computador lá, então vou achar que as crianças vão aprender igual.

V - Vão ter as mesmas oportunidades?

I - Não vão, não vão! É piada dizer uma coisa desta.

V - E a senhora sempre deu aula no município de Pelotas?

I - Trabalhei no município de Pelotas.

Agradecimentos Finais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: Textos em História. Rio de Janeiro: Fvg, 2004. 196 p.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática**: um estudo do caso brasileiro. In: V CIBEM, Porto: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2005. p. 1 - 12.